

CAPITAL SOCIAL ASSOCIADO A CADEIA DE VALOR DO ANANAS DE MUXÚNGUE

Mateus Jacobe¹

RESUMO:

O estudo subordina-se ao capital social associado a cadeia de valor do ananás, com foco na avaliação do capital social dos produtores de ananás nas comunidades rurais de Muxúngue. A amostra foi constituída por 30 elementos, escolhida através da amostragem não probabilística, recorrendo-se a bola de neve e outra parte escolhida por conveniência. Aplicou-se, igualmente, a entrevista, o questionário e a observação directa, a fim de colher informações sobre o fenómeno de produção e comercialização da fruta. A comercialização do ananás ocorre de forma simples, sendo feita a grosso e a retalho para os diferentes clientes que passam pela N1 na zona centro do país. Em Muxúngue produzem-se mais de 80 mil toneladas de ananás a cada safra agrícola e isto, abre um caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de uma determinada região. Assim com a interacção social dos produtores de ananás permite-lhes fazer poupanças *xitiques* possibilitando angariar valores monetários para galvanizar a sua produção, assim que as associações existentes não funcionam na totalidade, devido a situações políticas militares, temendo desta forma sequestros, portanto o capital social serve como garantia entre as povoações praticantes da agricultura disponível para os que não têm acesso aos mercados de crédito regulares, fazendo algumas poupanças de valores monetários. Durante estes convívios, consomem bebida alcoólica feita com base no ananás e promovem o património cultural e gastronómico do povo *Ndau*.

Palavras-chave: Cultura de Ananás; Cadeia de valor; Capital Social; Muxúngue.

SOCIAL CAPITAL ASSOCIATED WITH THE MUXÚNGUE PINEAPPLE VALUE CHAIN

ABSTRACT:

The study is subordinated to the social capital associated with the pineapple value chain, focusing on the evaluation of the social capital of pineapple producers in the rural communities of Muxungue. The sample consisted of 30 elements, chosen through non-probability sampling, using the snowball and another part chosen by convenience. We also applied the interview, the questionnaire and direct observation in order to collect information on the phenomenon of production and commercialisation of the fruit. The marketing of pineapple occurs in a simple way, being done wholesale and retail for the different customers who pass through the N1 in the central zone of the country. In Muxungue more than 80 000 tonnes of pineapple are produced each agricultural season and this opens the way for the establishment of new relationships between the inhabitants of a particular region. The social interaction of the pineapple producers allows them to save money to galvanise their production, since the existing associations do not function fully due to political and military situations, fearing kidnapping. During these gatherings, they consume alcoholic drink made on the basis of pineapple and promote the cultural and gastronomic heritage of the *Ndau* people.

Key-words: Pineapple Culture; Value Chain; Social Capital; Muxúngue.

¹ Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Doutorando em Ciências Ambientais e florestais na UFRRJ

INTRODUÇÃO

Toda cadeia de valor apresenta, portanto etapas na execução do trabalho e serve para a reflexão relativa ao aperfeiçoamento do processo produtivo, por apresentar componentes que requer a sistematização e capacidades de organizações parceiras para uma articulação institucional, auxiliando assim na aplicação de ações para o desenvolvimento de políticas públicas (MOORE, 2007).

A produção do ananás em Muxúngue, permite maior relação entre os produtores que até formam um capital social que usam para ampliar os serviços de crédito disponíveis nessas comunidades e para aumentar a eficiência com que aí operam os mercados, (PUTMAM, 1996).

Aliando a este facto a produção do ananás galvaniza a interação social e a inter-ajuda dos diversos produtores desta fruta, principalmente naqueles dias em que não vão a machamba como, fins-de-semana encontram para juntarem alguns valores monetários que lhes ajudam em caso de necessidades, nos mesmos encontros tomam o sumo do ananás que eles mesmos produzem através da fermentação alcoólica desta fruta, localmente conhecido por *mufacacha*.

Observa- nesta região a importância socioeconómica da produção do ananás que acaba estando directamente ligada a captação de mão-de-obra familiar directa e indirecta para trabalhar em todo ciclo produtivo do ananás, usando o ananás, a bebida alcoólica e o dinheiro como forma de agradecer aqueles que ajudam na sacha de ervas daninhas nas machambas, cujas estas poderão constituir perigo às culturas, entretanto intensifica o elo social entre os praticantes e os que assistem a ocorrência mútua desta pratica de actividade.

Esta produção do ananás promove valores culturais desde as danças locais, os cânticos, uma vez que depois de uma safra agrícola os produtores produzem bebida alcoólica caseira e convidam todos os seus vizinhos para agradecer os seus espíritos que lhe fizeram ter boa produção naquela época. Com o estudo espera-se que a comunidade local (Muxúngue), desperte atenção no melhoramento do processo de produção deste produto de bandeira que permite a promoção dos valores socio-económicos.

Apesar destes valores socio-economicos, culturais, tradicionais promovidos pela produção do ananas, nesta região os produtores seniores do ananás desta região localizados nas zonas consideradas bastiões da Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), nomeadamente: Pandja, Mangomonhe e Matindir, locais cujos confrontos entre as duas forças antagónicas (FDS) e os militares da RENAMO tiveram incidência maciça devido a existência de muitas bases da força oposta. Estas zonas enfrentaram sérias dificuldades no relacionamento entre autoridades governamentais.

Nesta região os produtores de ananás das zonas acima mencionados não têm tido oportunidades de financiamento, devido aos processos burocráticos dos bancos que acabam excluindo muitos agricultores, mas também a não existência de fundos direccionados aos agricultores com juros meramente bonificados para a melhoria da sua produção, pelo facto de serem considerados coniventes. Estas realidades contribuem para o fraco nível de eficiência no que refere a um conjunto de deficiências de componentes agrícolas, como por exemplo: a produção e a comercialização de produtos, pelo que a maioria dos produtores não investem muito para melhorar significativamente o seu rendimento familiar, facto que advém do baixo nível de formação, fraco conhecimento económico, sobretudo do financiamento e da prática do associativismo agrícola por cada safra agrícola.

REVISÃO DA LITERATURA

Historial da cultura de ananás

O ananás ou abacaxi, símbolo de regiões tropicais e subtropicais, tem grande aceitação em todo o mundo tanto na forma natural, quanto industrializado, agradando aos olhos, ao paladar e ao olfacto. Segundo a maioria dos naturalistas e historiadores, o abacaxi é originário da América tropical e subtropical e, muito provavelmente, do Brasil (MEDINA et al., 1978).

Há indícios que sua domesticação ocorreu muitos séculos anteriores à era pré-colombiana (Simão, 1998). Sua dispersão pelos vários países americanos iniciou com o intercâmbio entre tribos; contudo, com o descobrimento da América, se tornou

conhecido mundialmente, quando foi levado para a Europa, Ásia e África e se disseminou pelos vários países rapidamente (CTENAS & QUAST, 2000).

Atualmente, o abacaxi é extensivamente produzido em todos os países tropicais, sendo a Costa Rica e o Brasil seus maiores produtores, onde encontra excelentes condições para seu desenvolvimento, sendo cultivado em quase todos os Estados (FAOSTAT, 2010; IBGE, 2010). A partir do século XVI, o abacaxi se tornou conhecido pelo mundo, ganhando importância como espécie cultivada em virtude de sua beleza e qualidade como alimento.

O fruto é abundante em açúcar, se amadurecido na planta, e muito rico em sais minerais e vitaminas A, B1, B2 e C, em que cada 100g de polpa fresca de abacaxi contém aproximadamente 50 quilo calorias, 89% de água, 0,3% de proteína, 0,5% de lipídicos, 5,8% de glícidos, 3,2% de celulose e 0,3% de sais, apresentando quantidade considerável de potássio, ferro, cálcio, manganês e magnésio (GOMES, 1976; SOARES et al., 2004).

Segundo Ponciano, et al. (2006) o ananás pode-se consumir fresco, sozinho ou em saladas de fruta. Também entra no fabrico de pastéis e diversas preparações. Na cozinha Chinesa é o ingrediente principal de pratos de porco e pato. O ananás é uma fruta tropical, ligeiramente ácida e com características sensoriais distintas apreciadas pelos consumidores de todo mundo devido ao seu agradável aroma e sabor.

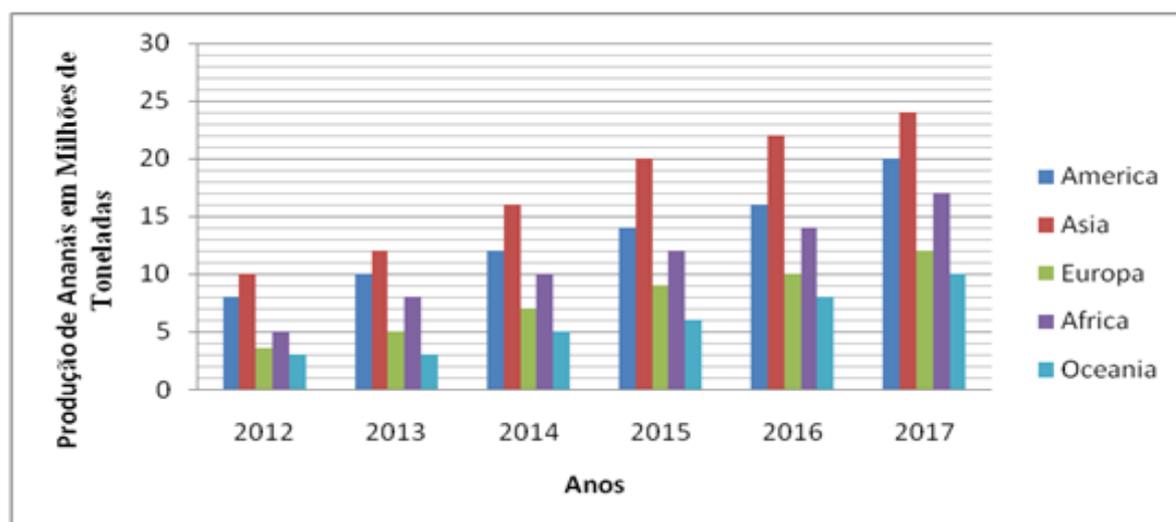
Em Moçambique o ananás é consumido naturalmente, porém em algumas vezes são adicionados na área de confeitaria de bolos, batidos e pasteis. É de uma bonita cor e de agradável sabor doce. Tanto o fruto como as folhas usam-se na preparação de compostos medicinais.

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO, 2019), a produção mundial de abacaxi em 2017 foi de 27,4 milhões de toneladas. Foi constatado crescimento de 12,52% na produção da fruta no período entre 2012 a 2017. Nesse período, foram produzidos em todos os continentes aproximadamente 154,6 milhões de toneladas da fruta.

A principal região produtora é o continente Asiático, com 43,63% da produção da fruta (67,4 milhões de toneladas), seguida das Américas, com 36,91% (57,04

milhões de toneladas) da disponibilidade do abacaxi. A região africana é a terceira maior produtora, com representação de 19% da produção mundial (29,4 milhões de toneladas). A Europa e Oceânia simbolizam um percentual ínfimo na produção. O Gráfico 1 consolida e demonstra a situação relatada.

Gráfico 1: Produção mundial de ananás em milhões de toneladas para o período de 2012 a 2017



Fonte: FAO (2019)

No período observado, houve o crescimento médio de 23,36% na produção de abacaxi na região africana, com destaque para a Nigéria (14,28%), que é o maior produtor do continente e representa em torno de 6% da produção mundial. O crescimento ocorreu, entre outros países, também em Angola (158,89%), Camarões (109,45%), Gana (12,85%) e Tanzânia (26,08%), que são representativos na produção de abacaxi na região de África.

Nas Américas, o aumento da produção de abacaxi foi em média de 12,57% no período entre 2012 e 2017. Deve-se destacar a evolução produtiva da fruta na Costa Rica (15,60%), que se colocou como o principal produtor de abacaxi no mundo em 2017, com mais de 3,0 milhões de toneladas da fruta. Destaca-se o crescimento da produção na Colômbia (123,84%), Peru (13,24%), Venezuela (16,52%) e no México (24,40%). O Brasil, que é importante produtor no continente americano, teve

sua produção reduzida em 11,49%, principalmente em razão da longa estiagem na Região Nordeste, da redução de área de plantio e de rendimento. A Costa Rica e o Brasil, dois maiores produtores no mundo, representam 11,0% e 9,89%, respectivamente, da produção mundial.

No continente asiático, destaca-se a evolução da produção na China (26,83%), Índia (24,07%).

Moçambique, produz cerca de 166.936 toneladas de ananás por ano e a 35ª posição do *ranking* mundial, liderado pela Costa Rica (ATLASBIG, 2021).

Em Moçambique as maiores províncias de destaque na produção de ananás são Sofala e Zambézia. O distrito de Chibabava, onde encontramos o Posto Administrativo de Muxúngue conta com cerca de 1.600 produtores de ananás, produz anualmente mais de 54 mil toneladas daquela cultura numa área de cinco mil hectares. No distrito de Muanza produz cerca de 15 hectares de ananás (DINIS, 2016).

De acordo com Macauihub (2009) em Nicoadala, a cerca de 20 quilómetros da cidade de Quelimane, tem um grande potencial para o desenvolvimento da cultura do ananás, chegando às associações de camponeses e individuais a colher mais de 20 toneladas por ano.

CAPITAL SOCIAL

A noção de capital social permite ver que os indivíduos não agem independentemente, que seus objectivos não são estabelecidos de maneira isolada e seu comportamento nem sempre é estritamente egoísta. Neste sentido, as estruturas sociais devem ser vistas como recursos, como um activo de capital de que os indivíduos podem dispor.

O capital social, ensina Coleman (1990) não é uma entidade singular, mas uma variedade de diferentes entidades que possuem duas características em comum, consistem em algum aspecto de uma estrutura social e facilitam algumas acções dos indivíduos que estão no interior desta estrutura.

O capital social, neste sentido, é produtivo, já que ele torna possível que se alcancem objectivos que não seriam atingidos na sua ausência. Quando, por exemplo,

agricultores formam um fundo de aval que lhes permite acesso a recursos bancários que, individualmente lhes seriam negados, as relações de confiança entre eles e com os próprios bancos podem ser consideradas como um activo social capaz de propiciar geração de renda.

Putnam, et al (1993) realizaram um estudo sobre o governo regional na Itália, enfatizando que o sucesso das instituições sociais depende de normas sociais de confiança, reciprocidade e engajamento cívico. Para os autores, as instituições que tendem a ser mais bem-sucedidas e obter melhores resultados são aquelas com extensas redes sociais (Putnam, Leonardi & Nanetti, 1993). Fukuyama (1995), por sua vez, enfatiza a economia, o desenvolvimento e a natureza dos valores e a cultura subjacente a sociedades economicamente bem-sucedidas.

Embora cada autor tenha pontos de vista diferentes, no que tange à base disciplinar e ênfase da teoria, eles apresentam como pontos de convergência o foco nos aspectos das relações sociais e coesão social (Gamarnikow, 2003). Formulado no início do século XX e amplamente difundido a partir da década de 1990, o conceito de capital social é aplicado em diferentes áreas do conhecimento. Portes (2000) destaca que o conceito de capital social foi inicialmente definido como um recurso individual usado para designar características de comunidades e até mesmo de nações.

Bourdieu (1986) trata o capital social sob a índole instrumental do conceito com foco nos benefícios que os indivíduos passam a ter, em virtude da participação em grupos. Em sua crítica à teoria económica pelo reducionismo do universo das permutas às trocas mercantis, propõe o aporte dos outros tipos de capital (humano, social, cultural) às análises das relações entre redes sociais e poder, acentuando a conversibilidade e a redução desses, em última instância, a capital económico, compreendido como trabalho humano acumulado.

Como as abordagens dos autores não atribuem ao termo capital social significados tão diferentes, argumenta-se que as abordagens são antes complementares que antagónicas, ao evidenciarem as distintas formas de interacção social dos sujeitos ou o seu protagonismo colectivo.

Portanto, é assentado nos instrumentos construídos nas relações sociais entre as diferentes forças de um dado território que o capital social pode constituir potência para o desenvolvimento loco-regional socialmente sustentado, em um processo que se dá da base para o topo, com a valorização de valores socioculturais, do conhecimento, da informação, do capital humano e social.

Capital social é, antes de tudo, a resposta ao dilema neoclássico da acção colectiva. A base do raciocínio está na constatação de que “as soluções privadas nem sempre funcionam” (Mankiw, 1998) e que por seus interesses imediatos os agentes sociais teriam, diante da cooperação, uma conduta de carácter oportunista. Para ilustrar seu raciocínio, Putnam (1993/1996,p.173) cita David Hume:

Teu milho está maduro hoje; o meu estará amanhã. É vantajoso para nós dois que eu te ajude a colhê-lo hoje e que me ajudes amanhã. Não tenho amizade por ti e sei que também não tens por mim. Portanto não farei nenhum esforço em teu favor; e sei que se eu te ajudar, esperando alguma retribuição, certamente me decepcionarei, pois não poderei contar com tua gratidão. Então, deixo de ajudar-te; e tu me pagas na mesma moeda. As estações mudam; e nós dois perdemos nossas colheitas por falta de confiança mútua, (ABRAMOVAY, 2000, p. 5).

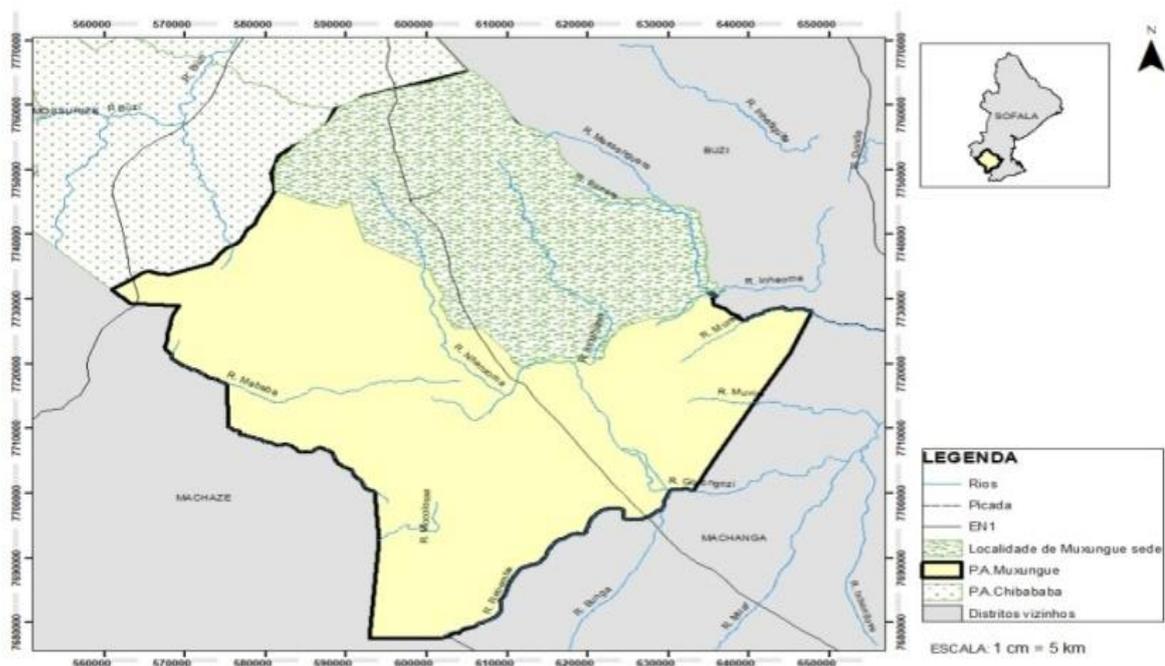
Nesta perspectiva teórica, as acções cooperativas deveriam esbarrar sempre na desistência de seus membros participantes. O dilema do prisioneiro mostra que os interesses imediatos dos indivíduos contrapõem-se (em oposição frontal a um princípio básico, ontológico do pensamento liberal) à alocação socialmente óptima dos recursos.

É verdade que a confiança por si só nem sempre é um atributo de nobreza nas relações sociais: mecanismos de comercialização como a “venda na palha” no Nordeste (Abramovay, 1992/1998) ou organizações como a Mafia estão certamente apoiados em laços de confiança, cuja particularidade, entretanto, explica Putnam (1993/1996), reside na verticalidade dos contactos e portanto no desequilíbrio entre as partes. Por isso não se produz a regra de reciprocidade que é o elemento decisivo pelo qual o capital social gera instituições propícias à participação cívica.

MATERIAL E MÉTODO

Muxúngue é um posto administrativo de Chibabava, localizado no distrito de Chibabava na província de Sofala, localiza-se ao longo da estrada nacional número 1, na parte Sul do distrito de Chibabava e limita-se a Norte: Nhango; Sul: Zove; Este: Chicuecue (Búzi) e Oeste: Nhaboia

Figura 1- Mapa da localização geográfica de Muxúngue



Fonte: Autor (2021)

O estudo foi realizado em áreas do posto administrativo de Muxúngue em regiões conhecidas como Mangomonhe, Pandja e Matindiri, todas a margem direita para quem faz o troco Maputo-Pemba. Partindo da vila sede de Muxúngue andamos em direcção a Este, onde iniciamos com o trabalho depois de feitos 5km começamos a encontrar as machambas dos produtores de ananás, daí percorremos cerca de 30 km a busca dos praticantes desta actividade até na região que faz limite com o distrito vizinho do Búzi.

A região de Muxúngue é dominada por zonas semi-árido, no interior, húmido, a medida que se caminha para o litoral, importa referir que a cultura do ananás é típica das regiões tropicais, então a região de Muxúngue é banhada pelo clima tropical húmido com duas estações chuvosa e seca, Perfil do Distrito de Chibabava (2005).

Os solos representam a interface entre os componentes subterrâneos e os da superfície da biosfera (WARDLE, 2002), onde as condições e processos do solo intermedeiam o funcionamento e a estrutura da comunidade no ecossistema (SIQUEIRA, 2018).

A zona interior de Muxúngue é dominada por solos residuais de textura variável, profundos a muito profundos, localmente pouco profundos, castanhos-avermelhados sendo ainda ligeiramente lixiviados, excessivamente drenados.

Segundo o Perfil Distrital de Chibabava (2005), o solo de Chibabava e de Muxúngue em especial reúne todas as condições ao olhar na sua morfologia, uma vez que os solos desta região possuem uma textura média ou arenosa, bem drenados, de preferência planos ou com pouca declive, profundidade do lençol freático superior a 90 cm e pH na faixa de 4,5 a 5,5. Importa salientar que o ananás é muito sensível ao encharcamento do solo, que pode prejudicar o seu crescimento e produção, também os solos argilosos como o caso do interior de Muxúngue também podem ser utilizados desde que apresentem boa geração e drenagem, (SOUZA, et al. 2017).

Na região em estudo, olhando para esta tipologia do solo tem se desenvolvido murchés, que são pequenas elevações em que as comunidades têm utilizado para tirar a argila para as suas casas, funcionam como armazém das enxadas.

Quanto à abordagem a pesquisa pode ser qualitativa, quantitativa e mista, Prodanov e Freitas (2013). Nesta pesquisa, recorreu-se a abordagem qualitativa².

A abordagem qualitativa mostrou-se adequada, pois tivemos o ambiente como fonte directa de recolha de dados, isto é, o pesquisador manteve contacto directo com o ambiente e o objecto de pesquisa.

² A pesquisa qualitativa é conceptualizada por Marconi e Lakatos (2003,p.103), como sendo “aquela que busca entender um fenómeno específico em profundidade, considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”. Para Richardson (1999,p.90) a pesquisa qualitativa pode ser “caracterizada como a tentativa

No estudo aplicou-se o delineamento do método Estudo de Casos Múltiplos (YIN, 2015) uma vez que houve uma imersão intensiva com o objecto de estudo, também por se tratar de trabalho de campo em diferentes propriedades agrícolas familiares, onde procedeu-se com as contextualizações.

A presente pesquisa optou pelo estudo de multicasos pela necessidade de profunda imersão no campo e detalhado com uma amostra relativamente ampla, por envolver informações fornecidas pelos produtores sobre seus sistemas de produção e conhecimento sobre os agroecossistemas locais, além de informações sobre as organizações sociais que actuam nas cadeias de valor do ananás no posto administrativo de Muxúngue.

A pesquisa é do cunho bibliográfico, da qual foi desenvolvida com base de produções existentes em livros, artigos, monografias, dissertações e teses relacionadas com o assunto estudado em que para Marconi e Lakatos (2010), é a fonte de colecta de dados restritos a documentos escritos e electrónicos, constituindo o que se denomina de fontes.

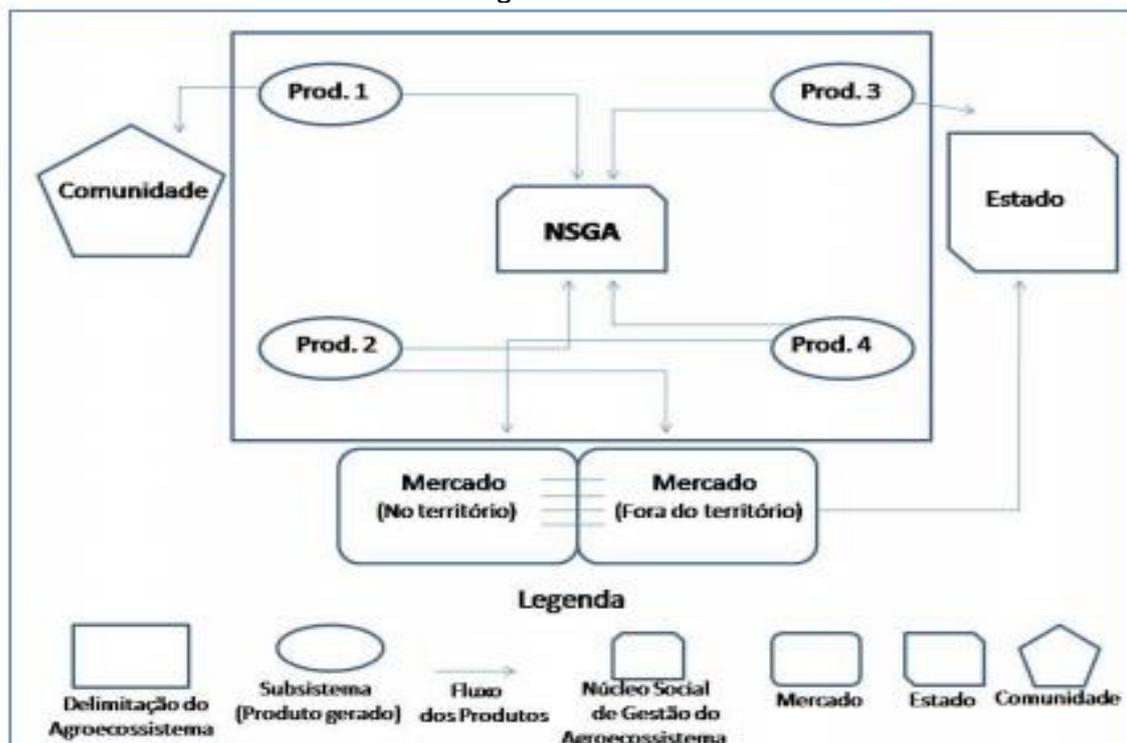
Como técnicas e instrumentos de colecta de dados recorreu-se a entrevista que foi um dos instrumentos básico, pois foi dirigida aos produtores do ananás, através de perguntas abertas e fechadas possibilitaram-nos estabelecer uma interacção com os sujeitos envolvidos na pesquisa com finalidade de recolher informações sobre o tema em estudo. Esta ferramenta possibilitou conhecer a realidade e compreender o ponto de vista dos entrevistados, de forma a facilitar a compreensão de todo o sistema social e produtivo.

O questionário serviu como um elo de ligação entre o pesquisador e os produtores do ananás, e estávamos impressos preparados para receber respostas a todas as perguntas feitas para um levantamento de informações, e duma forma sequenciada, de modo mais agradável para facilitar o preenchimento e devolução ao pesquisador. Permitiu que o pesquisado tenha mais tempo de reflectir de forma livre

de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”.

sobre a matéria, sem influência e também usou-se o fluxograma que serviu para descrever os agroecossistemas das comunidades rurais de Muxúngue.

Figura 2: Simbologia do fluxograma parcial ou descritivo para caracterizar os agroecossistemas



Fonte: Siqueira (2018), adaptado de Petersen et al (2017).

Para o nosso estudo, a população foi constituída por quatro grupos focais entre eles os produtores de ananás, os assistentes técnicos do SDAE, comerciantes e os consumidores e a amostra foi constituída por 30 elementos em que 15 (quinze) produtores, 5 (cinco) comerciantes, 5 (cinco) consumidores e 5 (cinco) Técnicos dos Serviços Distritais de Actividades Económicas (SDAE) onde 1 (um) é o director Distrital. Onde para seleccionar os agricultores recorreu-se a abordagem de amostragem em bola de neve e que o processo terminou quando a nossa amostra começar a repetir respostas em relação ao nosso questionário.

Para salvaguardar a identidade da amostra eles foram identificados por meio de códigos. Para os produtores de ananás foram identificados como (PA1, PA2, PA3...), para os consumidores foram identificados por (CA1, CA2, CA3...), para

os técnicos do SDAE foram identificados por (T1,T2,T3...) e por fim para os comerciantes foram identificados por (CO1,CO2,CO3...).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historial da produção de ananás no Muxúngue

Segundo a informação deixada por um dos grandes produtores de ananás, [...] a produção de ananás das variáveis *Smooth Cayenne* e *Pérola* na região de Muxúngue começou com um senhor que trabalhava na Companhia do Búzi, este teria levado algumas mudas e veio plantar na sua machamba nos anos de 1964 e 1965 [...]. (informação verbal)³.

Em Muxúngue antes da existência destas variedades produzia se outras variedades como são o caso da *Singapore Spanish* e outras mas em pequenas quantidades para o consumo familiar.

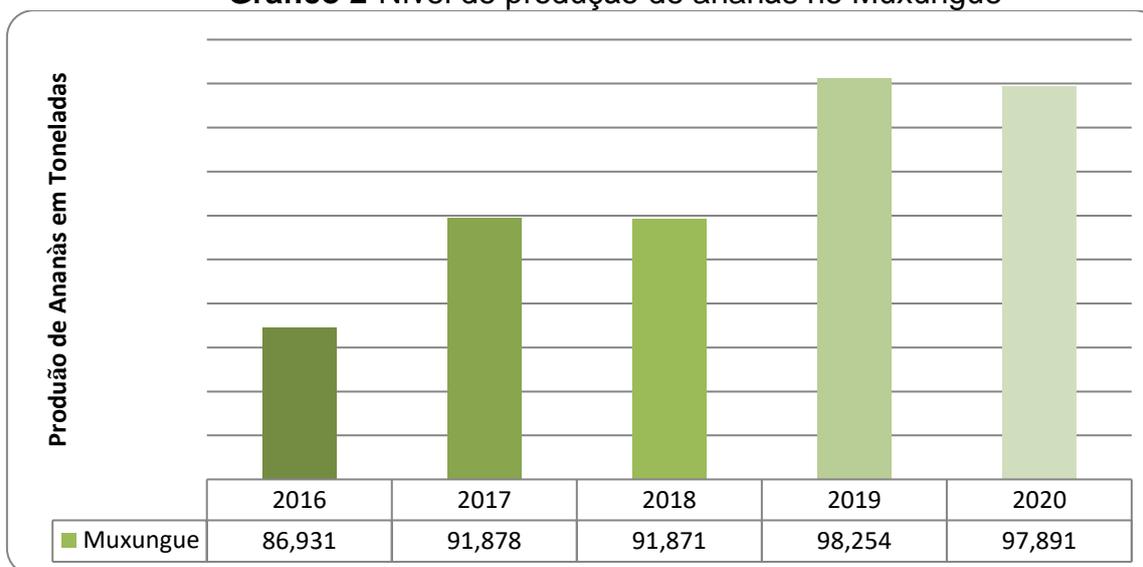
A partir do ano de 2000 começou a comercialização em quantidades do ananás para os diferentes passageiros que atravessavam pela vila de Muxúngue, tendo assim começado a produção em grandes escalas com o intuito de comercializar na vila e nas cidades circunvizinhas como a cidade do Chimoio e da Beira.

A produção do ananás tem registado variações desde o período em que esta região se tornou uma referência a nível nacional. Estas variações têm tido como diversos factores que influenciam como a questão da estiagem, a diminuição dos compradores e mesmo situação político militar.

O gráfico abaixo ilustra de forma clara o nível de produção do ananás na região de Muxúngue nos últimos 5 anos.

³ Sujeito CO1 com idade de 59 anos (Muxungue)

Gráfico 2-Nível de produção de ananás no Muxúngue



Fonte: SDAE-Chibabava (2021)

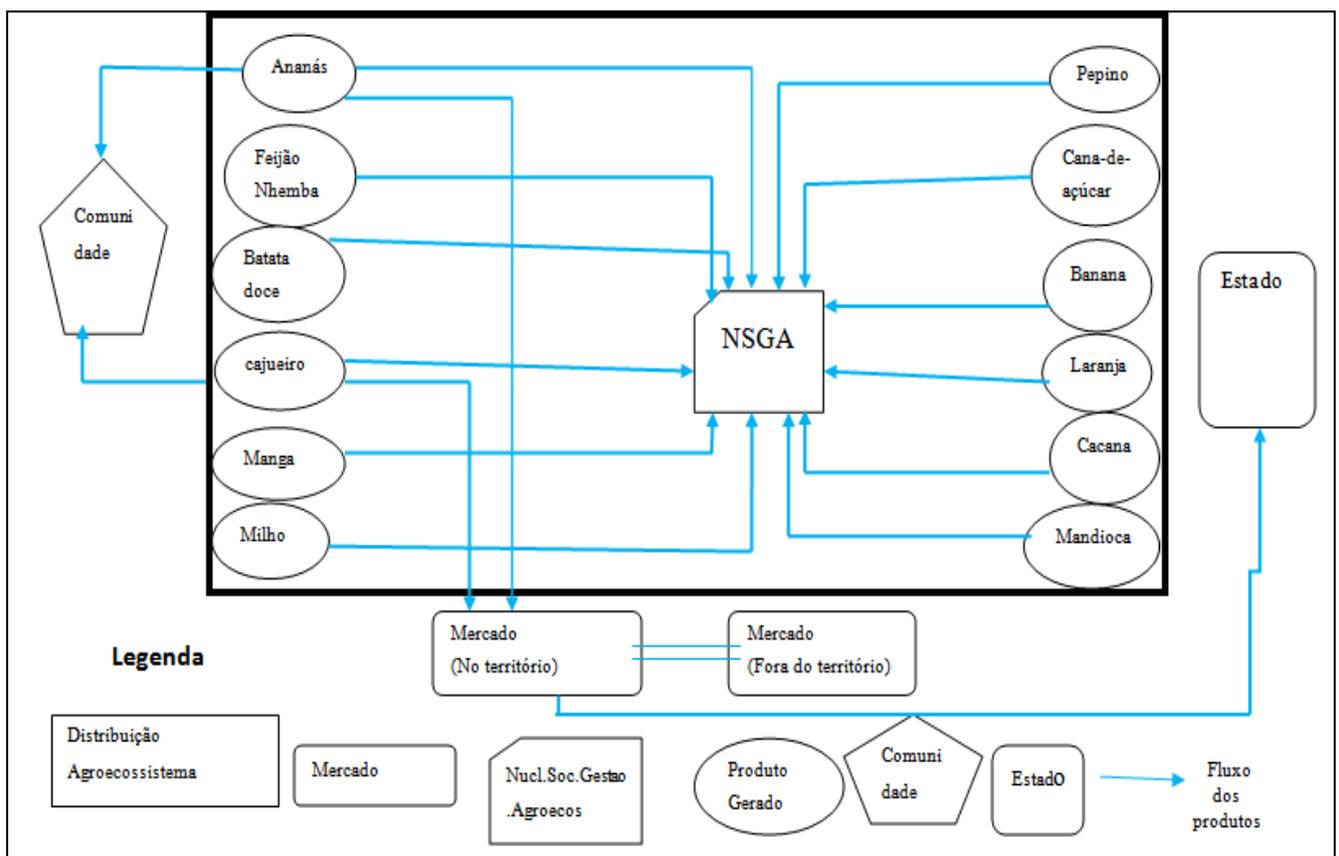
Olhando para o (gráfico1) que ilustra o nível de produção de ananás na região de Muxúngue nos últimos 5 anos. Importa referir que o nível de produção tem vindo a crescer nos últimos 5 anos, salvo no ano de 2020 devido a vários factores como a questão de COVID 19 que fez com que se reduza o número de pessoas que viajavam passando por Muxúngue, este factor fez com que o nível de produção registasse um leve decréscimo se comparado com ano anterior de 2019.

Os produtos gerados nas machambas possuem como destinos os próprios NSGA e os supras-sistemas, como o mercado no território, mercado fora do território (Chimoio, Beira, Maputo, Vilanculos, etc) e para distribuição não monetária na comunidade. Os balanços entre o consumo, a venda e distribuição são estabelecidos na unidade de produção a partir de deliberações estratégicas definidas no âmbito do NSGA para o alcance de seus objectivos económicos e sociais.

Os agroecossistemas nas machambas funcionam como sistemas sociais vivos afastados do equilíbrio, pois não existem apenas no domínio físico, mas também em um domínio social simbólico modelado pelo "mundo interior" dos conceitos, ideias e símbolos que surgem a partir da consciência do "viver colectivamente" a partir de convenções sociais estabelecidas por Capra e Luisi (2014), constrictos flexíveis e continuamente renegociados.

Nessa perspectiva, as estratégias para a produção nos agroecossistemas nas machambas demonstram um padrão em teia não linear de organização, nas quais suas emergências representam significados expressos na cultura e nos saberes para a produção de seus subsistemas (produtos) e na busca constante por melhores relações económicas junto aos supras-sistemas.

Figura 3 : Fluxograma dos agroecossistemas associados a produção do ananás em Muxungue no ano de 2021



Fonte: Autor (2021) adaptado de Siqueira (2018)

A comercialização do ananás ocorre na forma de frutos. Esta comercialização ocorre tanto no mercado (no território), ou seja, nas próprias machambas como na Vila no mercado convencional (fora do território). Os frutos do ananás já maduros são comercializados na Sede, junto ao mercado convencional (rua), representado pelos comerciantes a grosso e a retalho que vendem em molhos.

[...] Outros frutos como castanha de caju, pepinos, mangam, banana, além da batata-doce e mandioca. São comercializados em algumas feiras semanais que ocorrem na região de Muxúngue e também nas feiras e comércios em Chissinguana (Búzi). (informação oral)⁴

Quanto às formas de produção para o estabelecimento das culturas, observamos em campo que as famílias produtoras desempenham seu trabalho de maneira muito dependente das trocas mercantis, ou seja, a reprodução económico-ecológica do agroecossistemas é assegurada pela mobilização e transformação de recursos a cada ciclo produtivo. Seu grau de autonomia é alcançado por meio de seu recurso financeiro. Os recursos necessários (ecológicos e sociais) são mobilizados na forma de mercadorias por meio de relações de compra e venda, inclusive crédito. Essa dependência se evidencia nas actividades das cadeias de valor do ananás, como a realização de abertura e limpeza do terreno, aquisição de mudas, plantios e manutenção, além da colheita e escoamento da produção.

No Muxúngue durante a actividade de campo foi notório vários contextos de conexão social, que criam controlo social formado por redes comunitárias e fonte de benefícios por meio de redes extra familiares, sendo que as funções, todavia, não devem colidir ou se sobrepôr às normas existentes para benefícios privados, ao avaliar o nível em que estes produtores se inter-ajudam nas diferentes situações confirmando assim as ideias de Coleman (1988), na sua concepção em relação ao capital social.

Olhando na visão de Gobb e Ferraz (2010), em que o capital social é “um bem colectivo” constituído por intensos laços de relações sociais num meio inter-organizacional. Nessa perspectiva, os produtores de ananás obtêm acesso a determinadas vantagens como recursos intelectuais através da troca de ideias sobre a sua produção, tecnológicos, o como melhoram a sua produção a cada safra agrícola; mercado, como proporcionar mais vendas em menos tempo de modo que não tenha prejuízo do seu ananás a apodrecerem, e financeiros o como juntam o capital disponível para melhorar a sua produção na safra agrícola a seguir, isso favorece o alcance de determinados objectivos comuns ao grupo.

⁴ Sujeito PA3 com idade de 32 anos (Muxúngue)

A imagem a seguir ilustra um grupo de pessoas trabalhando numa machamba num espírito de inter-ajuda com vista a diminuir o prejuízo das ervas daninhas em relação as plantas do ananás.

Figura 4: Trabalho em conjunto na machamba de ananás em Muxúngue



Fonte: Autor (2021)

Nessa perspectiva, o capital social reside na estrutura das relações entre diferentes actores, ao contrário do capital económico (recursos financeiros) e, ainda, do capital humano, na cabeça das pessoas. Nesse enfoque, o capital social sustenta-se com base nos diferentes tipos de relacionamentos voltados ao colectivo, isto é, ao bem comum (Faccin; Macke; Genari, 2013).

A imagem acima faz valer o raciocínio de Putnam (1993/1996,p.173) cita David Hume:

Teu milho está maduro hoje; o meu estará amanhã. É vantajoso para nós dois que eu te ajude a colhê-lo hoje e que me ajudes amanhã. Não tenho amizade por ti e sei que também não tens por mim. Portanto não farei nenhum esforço em teu favor; e sei que se eu te ajudar, esperando alguma retribuição, certamente me decepcionarei, pois não poderei contar com tua gratidão. Então, deixo de ajudar-te; e tu me pagas na mesma moeda. As estações mudam; e nós dois perdemos nossas colheitas por falta de confiança mútua” (ABRAMOVAY, 2000, p. 5).

[...] Aqui ainda reside a confiança mútua, isso faz com que trabalhem e que não se perca quantidades do ananazal engolido pela erva daninha. Este facto ocorre também no momento de lançamento das mudas, no momento da sacha e até no de colheita, facilitando assim a produção. (informação oral)⁵.

Desse ponto de vista, a reprodução do conjunto do agroecossistema e de sua capacidade de gerar e manter a relação necessária entre a existência da força de trabalho e a produção de valor deve ser entendida como um processo dinâmico, movido pela interdependência e pela complementaridade entre as actividades que respondem simultaneamente pela reprodução biológica e da força de trabalho, a reprodução da capacidade de produzir bens para o auto-consumo e valores de troca para os mercados e, no mesmo movimento, cumprir o objectivo estratégico da economia familiar que é a optimização do valor agregado pelo trabalho e sua apropriação pelos membros da família.

O capital social para os produtores de ananás corresponde a recursos cujo uso abre caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de uma determinada região. Assim como o capital convencional no caso dos mutuários convencionais (do crédito bancário), já que as associações existentes não funcionam em pleno devido a situações políticas militares uma vez que grande parte dos gestores das associações desvincularam-se delas porque sofriam de sequestros, então o capital social serve como uma espécie de garantia, estando porém disponível para os que não têm acesso aos mercados de crédito regulares, fazendo algumas poupanças de valores monetários. Nesta região é notório, mas ainda com receio a existência de alguns produtores de ananás que fazem poupanças e *xitique*⁶, com vista a obterem algum valor monetário para garantir a abertura de novas machambas, a sacha e mais actividades ligadas com a produção do ananás.

Não dispondo de bens físicos para dar em garantia, os participantes, na verdade empenham suas relações sociais. Assim o capital social é usado para “ampliar os serviços de crédito disponíveis nessas comunidades e para aumentar a eficiência com que aí operam os mercados” (Putnam, 1993/1996, p. 178-179).

⁵ Sujeito da pesquisa PA 10 com idade de 47 anos de idade (Muxúngue)

⁶ Um tipo de poupança em que entrega-se o valor acumulado de forma rotativa.

Alinhados no pensamento de Durkheim (1984), onde o capital social está a sociabilidade, fundamento pelo qual os indivíduos se completam por meio da devoção à vida em grupo, que lhes traz consequências positivas e também para a coletividade. Então podemos afirmar que a comunidade de Muxúngue é muito alegre, visto que vive a vida em grupos, festejando as suas datas comemorativas sem olhar as sequelas deixadas pelos ataques que assolaram a esta região.

A Figura 5 ilustra um momento de confraternização do grupo social, onde confraternizam com as suas canções locais e as danças típicas desta região pela passagem de 46 anos da independência Nacional. As figuras abaixo ilustram alguns momentos no dia da festividade.

Figura 5: Festividades do dia 25 de Junho em Muxúngue



Fonte: Autor (2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos agroecossistemas associados a produção do ananás, os produtores além do ananás, também produzem o milho, castanha de caju, papaia, mandioca, pepino, couve, batata-doce, cana-de-açúcar, entre outras culturas com intuito de galvanizar a renda e o enriquecimento da dieta alimentar das famílias, respectivamente.

Em Muxúngue a produção do ananás é uma referência a nível nacional, contudo o crescimento da produção é fustigado, não só pela estiagem, diminuição dos

compradores, situação política militar, a pandemia da COVID-19, mas também a falta de acompanhamento técnico na parte da conservação em cada safra agrícola; tem se registado desperdícios de toneladas de ananás deteriorado devido a falta de um mercado com condições de conservação, além da inexistência de um comprador que possa revender para os supermercados existentes no nosso país e/ou a falta de uma empresa para processamentos manufacturados da fruta.

Entre os produtores do ananás de Muxúngue foi notório que ainda reside a confiança mútua, isso faz com que trabalhem numa interacção em rede e que não se perca quantidades do ananás engolido pela erva daninha. Este facto ocorre também no momento de lançamento das mudas, no momento da sacha e até no de colheita, facilitando assim a produção.

O capital social dos produtores de ananás, em Muxúngue abre um caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de uma determinada região. Assim com a interacção social dos produtores de ananás permite-lhes poupanças *xitiques* possibilitando a angariar valores monetários para galvanizar a sua produção, assim que as associações existentes não funcionam na totalidade, devido a situações políticas militares, temendo desta forma sequestros, portanto o capital social serve como garantia entre as povoações praticantes da agricultura disponível para os que não têm acesso aos mercados de crédito regulares, fazendo algumas poupanças de valores monetários.

Nestas interacções durante ou após a safra agrícolas promovem os valores culturais como a gastronomia, as danças, as cânticos que revelam o património cultural dos povos *Ndaus*.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec-ANPOCS. 1992.

BORDIEU P. **The forms of capital**. New York: Greenwood Press. 1986.

CARRASCO,A.R;FERREIRA,A.M. **Gestão de ambientes Costeiros**. 2009.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A Visão Sistêmica da Vida: Uma Concepção Unificada e suas Implicações Filosóficas, Políticas, Sociais e Económicas.** São Paulo-SP, 2014.

COLEMAN, J. S. **Social capital in the creation of human capital.** American Journal of Sociology. 1990.

CTENAS, M.L.B.; QUAST, D. **Abacaxi. Frutas das terras brasileiras.** São Paulo. 2000.

DINIS, A. **Composição física-química e sensorial das formulações de sumo e nectar de água de coco e polpa de ananás.** Maputo. 2016.

EVANS, P. **Government and Social Capital in Development. University of California (Berkeley).** .1997.

FACCIN, K.; MACKE, J.; GENARI, D. Mensuração do Capital Social nas Redes Colaborativas Vitivinícolas da Serra Gaúcha. **Revista O&S**, v 20, n 65, p. 303-320, Salvador. Disponível em: www.revistaoes.ufba.br. 2013.

FAOSTAT. Food and Agriculture Organization of the United Nations Statistical Database. Cropsdatabase. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/site/567/DesktopDefault.aspx?PageID=567#ancor>>2009. Online. Acesso em: 17 NoV. 2020.

FUKUYAMA, F. **Trust: Social Virtues and the Creation of Prosperity.** Free Press, New York. 1995.

G

AMARNIKOW, E. **Social Capital and Human Capital. Encyclopedia of community.** Sage, Publications. 2003.

GOMES, R.P. II Fruticultura especial. In: GOMES, R.P. **Fruticultura brasileira.** São Paulo: Nobel, p.72-75. 1976.

GOBB, R. L.; FERRAZ, S. F. S. Arranjos Produtivos Locais na Perspectiva da Teoria do Capital Social: Estudo no APL Moveleiro de Marco/CE. **Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais - SIMPOI**, São Paulo. 2010.

LAKATOS, &. MARKONI. **Fundamentos de Metodologias Científica.**, 7ª Edição. São Paulo: Atlas. 2010.

MACAUHUB. **Moçambique e China assinam Memorando no financiamento da agricultura .** 2009).

MANKIW, G. **Princípios de economia.** Editorial Mc Graw Hill. 1998.

- MEDINA, J.C; et al. **Abacaxi: cultura, matéria-prima, processamento e aspectos econômicos**. Campinas: Instituto de Tecnologia de Alimentos. 1987.
- MOORE, M.H. Texto: **Criando valor público por meio de parcerias público-privadas**. Revista do Serviço Público. Brasília. 2007.
- PETERSEN, P.; SILVEIRA, L. M.; FERNANDES, G. B.; ALMEIDA, S. G. **Método de Análise Econômica-Ecológica de Agroecossistemas**. 1ª ed. AS-PTA, Rio de Janeiro. 2017.
- PORTER, M. E. **Competitive Advantage**. New York: Free Press. 1985.
- PUTNAM, R. D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV. 1996.
- PRODANOV & FREITAS. **Metodologia do Trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**, 2ª Edição, Brasil. 2013.
- PONCIANO, N.J. e tal .Avaliação econômica da produção do abacaxi, cultivado na região Norte Fluminense. **Revista Caantiga**, Mossoro. 2006.
- SMELSER, N. **Problemáticas da Sociologia**, in: The Georg Simmel Lectures, 1995, Berkeley-USA. 1997.
- SEQUEIRA, J.A.S. **A cadeia de valor do açaí: uma estratégia sistêmica na conservação dos agroecossistemas amazônicos no município de Carauari-AM**, Manaus. PPG-CASA, 2018.
- SIMÃO, S. O abacaxizeiro. In: SIMÃO, S. **Tratado de fruticultura**. Piracicaba: FEALQ, 1998.
- SOUZA, S. F.; OLIVEIRA, K. K. L.; CRUZ, M. J. M. Modo de vida camponês e políticas públicas no assentamento Riozinho – Carauari-AM. **REVISTA GEONORTE**, V.8, N.28, p.161-177. 2017.
- WARDLE, D. A. **Communities and Ecosystems: Linking the Aboveground and Belowground Components**. Princeton, NJ, Princeton University Press, 2002.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman. 2015. <https://www.atlasbig.com/pt-pt/paises-por-producao-de-abacaxi>. Acesso em 12 fev. 2021.

Recebido em 16/05/2023

Versão corrigida recebida em 27/07/2023

Aceito em 20/08/2023

Publicado online em 26/08/2023